

RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: a importância da afetividade no ambiente escolar

Isabelly Cristina Pires Esteves

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: isabellyesteves19@yahoo.com)

Letycia Guimarães Silva Mendonça

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: leticia_guimaraes@live.com)

Marinácia Leal da Silva e Silva

Professora orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: luttsami@hotmail.com)

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a importância da afetividade no ambiente escolar com foco relação professor e aluno com objetivo de enfatizar os principais benefícios de uma relação fundamentada na afetividade entre professores e alunos no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. Sabe-se que o afeto é um ingrediente primordial em qualquer relação humana, e que deve estar presente em todas as fases da vida do indivíduo. Nos dias hodiernos, analisando essas relações percebe-se uma certa banalização deste sentimento e conseqüentemente sua visibilidade: crianças que demonstram comportamentos precoces, antissocial e muitas vezes agressivo; tornando-se vital a compreensão relevante da presença de um ambiente propício para o exercício da afetividade na vida desses alunos. O referido trabalho baseia-se numa pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, embasado nas obras de Wallom, Vygotsky, Piaget e Riviére. Após análise dos dados verificou-se que a presença de vínculos afetivos no cotidiano escolar também se reflete nas questões de ordem cognitivas e sociais. Conclui-se, portanto, que este estudo vem contribuir no sentido de ampliar a discussão sobre a relevância da afetividade durante a construção do conhecimento, levando em consideração tanto o cognitivo quanto o afetivo.

Palavras-chave: Educação. Escola. Afetividade. Conhecimento. Relações humanas.

TEACHER AND STUDENT RELATIONSHIP: the importance of affectivity in the school environment

ABSTRACT

The present research has as its theme the importance of affectivity in the school environment with a focus on the teacher and student relationship with the objective of emphasizing the main benefits of a relationship based on affectivity between teachers and students in the teaching-learning process in early childhood education. It is known that affection is a primordial ingredient in any human relationship, and that it must be

present in all phases of an individual's life. Nowadays, analyzing these relationships, a certain trivialization of this feeling and consequently its visibility can be seen: children who demonstrate precocious, antisocial and often aggressive behavior; making it vital to have a relevant understanding of the presence of an environment conducive to the exercise of affectivity in the lives of these students. This work is based on a bibliographical research, of a qualitative nature, based on the works of Wallon, Vygotsky, Piaget and Riviére. After analyzing the data, it was found that the presence of affective bonds in the school routine is also reflected in cognitive and social issues. It is concluded, therefore, that this study contributes to broaden the discussion on the relevance of affectivity during the construction of knowledge, taking into account both the cognitive and the affective.

Keywords: Education. School. Affectivity. Knowledge. Human Relations.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade está presente desde as primeiras manifestações da existência humana. Desde o nascimento, a criança engendra-se numa busca constante de interação e adaptação ao mundo em que vive e para isso, utiliza de mecanismos, primeiramente físicos com o corpo, para mais tarde desenvolver outros, essencialmente psíquicos.

Os aspectos afetivos positivos que permeiam as relações sociais estabelecidas entre a criança e o adulto determinam a construção de identidade e o valor que a criança dá a si mesmo. As experiências vivenciadas com alto nível de consciência, motivadas pelo prazer da descoberta e permeadas pela afetividade garantem uma riqueza de significados por toda a vida.

No contexto escolar, tais relações ampliam-se num nível dinâmico e diversificado, exigindo que a criança esteja em constante processo de readaptação e assimilação sobre o sentido e a forma como acontecem as coisas em sua volta. Pois tão relevante quanto às metodologias de ensino utilizadas no dia a dia escolar é o espaço que o afeto ocupa na construção do conhecimento, como afirmam os teóricos da psicologia do desenvolvimento, Piaget, Vygotsky e Wallon.

O desenvolvimento do estudo se estabeleceu após as experiências positivas e negativas no campo de estágio, na fase da educação infantil. Com a pesquisa houve contribuições relevantes para a prática docente, no que se refere a empatia e convívio entre professor e aluno. Sabe-se que toda atitude humana é permeada pelo afeto e no contexto escolar o professor não deve limitar-se apenas a atuação na esfera

cognitiva, pois essa relação afetiva com seu aluno traz elementos pertinentes para pensar no processo ensino-aprendizagem, ou seja, quando um aluno tem vínculo afetivo fortalecido com o professor ele realiza atividades com vontade, satisfação e ainda aprende com mais prazer, uma vez que esse fazer pedagógico permeado de afetividade dá sentido as formas não só de propor atividades nas realizações das mesmas.

O principal objetivo deste trabalho é enfatizar os benefícios essenciais de uma relação com afetividade entre professores e alunos no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. Sendo que, os objetivos específicos a serem abordados são: Identificar quais os principais benefícios de um relacionamento afetivo entre professor e aluno; ressaltar a importância do afeto no processo de aprendizagem; destacar a importância do afeto no processo de adaptação da criança na escola e ainda, analisar os prejuízos que ocorrem no ambiente de sala de aula na falta de afetividade entre professor e aluno.

2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

O afeto é uma atitude indispensável para boas relações humanas, eficaz para reforçar potencialidades podendo ser compreendida como a energia necessária para a estrutura cognitiva passar a operar. Além disso, o afeto estimula o tempo com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

Afetividade e inteligência são palavras diferentes mais inseparáveis quando as colocamos no processo de ensino aprendizagem, pois, a afetividade depende para evoluir, de conquistas no plano de inteligência, portanto, é necessário que as crianças sejam estimuladas desde muito cedo, como por exemplo, dando os primeiros passos, produzindo suas primeiras palavras, sentindo o conforto no abraço e beijo, a saudade da mãe ou do pai. Depois disso eles chegam às creches ou nas pré-escolas, elas percebem que todo esse carinho pode ser coletivo. E o professor, por sua vez tem um papel importante para o desenvolvimento do aluno, a afetividade não é só demonstrada com carinhos físicos, mais também na preparação dessa criança para conviver na sociedade. Muitas vezes, os pequenos detalhes fazem muita diferença na educação, pois o ser humano está fundamentado no seu sentir e sua razão, a partir dos sentimentos e das percepções, cada um vai formando suas experiências e seus

pensamentos.

Posto isso, o ambiente escolar precisa satisfazer essas necessidades básicas de afeto, segurança, apego, disciplina e desapego. É nele que se estabelece também, a capacidade de se relacionar, tendo-se em conta que somos seres sociais.

Mediante interações a criança desenvolve e amplia seu repertório de experiências e sensações, pois conforme destaca Cacheffo e Garms (2015, p.25):

A afetividade se constitui como uma das habilidades que os profissionais da educação Infantil precisam utilizar para elaboração das propostas pedagógicas, no planejamento das atividades e na mediação das relações entre professor e criança, entre criança e criança e entre as crianças e os objetos de conhecimento[...] Dessa forma, a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches e pré-escolas, cuidar e educar.

Dessa forma, a prática educativa na escola deve primar pelas relações de afeto e solidariedade proporcionando situações que dê prazer ao aluno de construir conhecimentos e de crescer junto com o outro. No relacionamento professor-aluno, há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor, estando no lugar de quem deve ensinar, também aprende com a realidade de cada aluno, e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos também ensina e aprende mesmo sem intencionalidade.

O educador deve possuir e sempre buscar conhecimentos técnicos resultantes na sua formação e de uma atitude de objetividade em relação às crianças sobre os seus cuidados, sendo assim cabe o educador proteger as crianças de suas próprias emoções fortes e agressivas exercendo e orientando da melhor forma, portanto a tarefa do educador é assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatória para ajudar as crianças a guiar suas próprias emoções. Afetividade é uma prática pedagógica quando se reflete as condições de ensino, na sua importância, clareza, organização dos conteúdos no que fazer em classe, em como avaliar e aprimorar a qualidade da mediação.

2.1 Relação professor e aluno

Numa brevíssima reflexão histórica, conforme Leal (2017) a estrutura organizativa do ensino no Brasil, desde seu início até os dias atuais sempre privilegiou o domínio do conhecimento e a disciplina em detrimento a afetividade no âmbito

escolar, a significativa necessidade de alterar a postura do discente para mediador da aprendizagem resignificando o entendimento sobre a inteligência emocional , que veio para humanizar as relações, fazendo cada um entender melhor os caminhos percorridos por nosso cérebro na construção do conhecimento , sendo fundamental destacar a criação de vínculos , que consoante o suíço Pichon-Riviére criador desta teoria , em seus estudos determina o vínculo é uma estrutura complexa que inclui um sujeito , um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem.

Sabe-se que as conquistas intelectuais são incorporadas a afetividade, e isto lhe dá um caráter cognitivo, nisto a relação professor-aluno é uma forma de interação que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos. Por isso, o docente precisa refletir a todo o momento sobre sua prática, fundamentando-se em uma base teórica e sólida (SILVA; NAVARRO, 2012).

A relação afetiva entre professor e aluno traz elementos pertinentes para pensar no processo ensino-aprendizagem. É preciso que o docente traga metas claras e realistas para os educandos, levando-os a realizar atividades desafiadoras com vontade e satisfação. Com isso, a afetividade na educação constitui num importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos professores desde os anos iniciais, uma vez que, por meio dela, pode-se compreender a razão do comportamento humano (LOOS, 2007).

Além disso, as interações sociais também proporcionam desenvolvimento, auxiliam na formação da identidade e na orientação de comportamentos. Mesmo que a interação tenha raízes biológicas, considera-se que não é o bastante para a completude e evolução do ser humano. A combinação da capacidade da interação por meio da veia biológica, mais a interação social direcionada para alguma finalidade, permitem que a comunicação resulte na aprendizagem e no desenvolvimento de funções internas, como a concentração e o controle dos pensamentos, e também da linguagem, que se transpõe em ações externas aos indivíduos (NASCIMENTO, 2004).

Nessa relação docente-discente, percebe-se que a psicologia no campo educacional ocorre de forma eficiente, tendo em vista que a cognição, o pensamento e as interações são seus objetos de estudo que, por sua vez, são a base para o processo educativo. Enquanto ciência dos processos mentais e comportamentais humano , intervém na educação de forma positiva no sentido de suporte ao educador

para com o aprendiz (LEITE; TAGLIAFERRO, 2018).

Libâneo (1994) e Freire (1996) apontam a partir das suas abordagens uma ampla demonstração sobre essa relação professor-aluno e a importância do diálogo que serve como instrumento desse processo. Ambos defendem a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres.

Nesta mesma linha de pensamento, Davis e Oliveira (1994) também defende que não é suficiente que o docente saiba apenas o conteúdo da disciplina e sim, que aliado a isto haja um envolvimento, uma relação para a partir dessa proximidade adicionar-se técnicas didáticas de produção e propagação de conhecimento; pois procurar conhecer o aluno, criar vínculos, relacionar-se sabiamente é ação valorosa para o profissional da educação, como destaca Leal (2017), aproximar os mundos do professor e do aluno é condição essencial para aproximar os conhecimentos.

2.2 A afetividade na sala de aula

A sala de aula é um espaço de vivência, de convivência e de encadeamentos pedagógicos, ambiente formado pela diversidade e heterogeneidade de concepções, valores e crenças sendo assim impregnado de significado, onde a experiência pedagógica – o ensinar e o aprender – é desenvolvida no vínculo e tem uma dimensão histórica, intersubjetiva e intersubjetiva conforme Valdez (2002).

Torna-se indispensável o pedagogo ir de encontro ao universo do discente para que ele se sinta interessado a descobrir novos saberes, como é próprio de sua natureza, a criança sincera demonstrará interesse ou desinteresse, por isso, é relevante que o docente se comporte equilibradamente nas variadas situações que surgirem em sala de aula, no intuito de conceber no âmago da criança a existência de uma ela afetivo fundamentado no carinho, na confiança e no respeito.

[...] a sala de aula precisa ser espaço de formação, de harmonização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade, o desenvolvimento do ser humano (VALDEZ, 2002, p.24).

Outro detalhe é que, querendo ou não, o docente não ensina apenas assuntos

referentes ao currículo, sua ação também transmite valores e condutas, as quais na maioria das vezes ultrapassam o conteúdo a ser ministrado. Por conta disso, ser considerado mais que um profissional como os outros; suas ações têm um poder maior de influência sobre a dos discentes, então partindo desse pressuposto, surge a necessidade do docente rever suas atitudes, no intuito de refletir se sua ação pedagógica é afetiva e se está contribuindo positivamente ou não, no rendimento educacional.

Deve-se entender que na sala de aula, além da metodologia, da linguagem e contextualização, outro detalhe imprescindível de construção de vínculos é a maneira como o docente estabelece suas ações na turma e com a turma, uma outra questão em sala quanto a promoção da aprendizagem significativa em sala se fundamenta em um modelo dinâmico mediante o qual o discente é levado em conta, com todos os seus saberes e interconexões mentais e suas reações diante da realidade, por isso ser de extrema importância saber que a concretização dessa aprendizagem em sala se dá mediante o que se entende em cada passo da reconstrução de um conceito, conforme Santos (2017, p.42 e 57).

1. **Sentir** - toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional;
2. **Perceber** - após contextualizar, o aluno precisa ser levado a notar as características específicas do que está sendo apresentado;
3. **Compreender** - é o tempo em que se dá efetivamente a construção do entendimento, do conceito, o que garante a possibilidade de utilização em diversos contextos;
4. **Definir** - o discente deve falar com suas palavras, de forma clara o que foi apresentado;
5. **Argumentar** - o discente precisa relacionar logicamente vários conceitos seja por meio verbal, não verbal ou escrito;
6. **Discutir** - quando o discente formula uma cadeia de raciocínio por meio da argumentação;
7. **Transformar** - o sétimo e último passo da reconstrução do conhecimento é a transformação, onde entra aqui a intervenção na realidade.

Todavia, faz-se necessário entender que, se a existência do vínculo favorece a criança em diversos aspectos, a sua falta pode comprometer o seu desenvolvimento na mesma proporção. Em sala o infante pode se conter e deixar de desenvolver suas possibilidades: se tem uma dúvida, não vai perguntar; possivelmente terá baixa interação com as outras crianças ou ficará afastada do grupo; sua autoestima poderá ser comprometida e a criatividade afetada por medo de se expor; bebês e crianças menores poderão ter aspectos motores prejudicados, tanto na coordenação ampla – o andar, o correr, o pular – quanto na coordenação fina – do desenho, da escrita. Tudo

isso compromete o desenvolvimento cognitivo da criança e pode comprometer sua vida escolar.

Valdez (2002) explicita que a responsabilidade não deve recair somente nos ombros do educador, a criança também estabelece um vínculo com o ambiente escolar e nesse ambiente, além do professor, há os outras crianças com quem o aluno vai se relacionar, os espaços físicos em que ele transita e toda a rotina da escola, que pode ou não favorecer esse vínculo.

Se a rotina for estática, de pouca diversão e estímulo, obviamente a criação do vínculo será dificultada. Ficar preso em uma sala com quatro paredes de cor gelo também não é atrativo. Se o ambiente é colorido, tem brinquedos, uma área de lazer, a criança vai gostar de ficar ali. Tudo isso também vai colaborar com a construção do vínculo (VELHO, 2004, p.404).

Outrossim, estar em sala também demanda esforços para se pensar em alternativas a fim de desenvolver vínculos mais afetivos na comunidade escolar que sejam significativos para os alunos, pois haverá momentos em que a própria dinâmica escolar proporcionará isso por si só, como é o caso da interação em sala de aula ou no recreio, exemplificando: fazer com que o aluno pense que ele faz parte de um todo e que isso implica diretamente no processo de aprendizagem exige um exercício contínuo do professor de acolhimento e construção de um ambiente confortável, junto à incorporação de uma atitude investigadora, que provoque o entendimento dos alunos enquanto sujeitos de múltiplas inteligências e com diferentes potencialidades para que possam oferecer um espaço para a construção de um conhecimento autônomo e coletivo ao mesmo tempo, por isso, proporcionar um momento para partilhar as vivências dos alunos é tão importante quanto pensar a prática de suas habilidades através do desenvolvimento de atividades que despertem o interesse deles para cultivar o sentimento de pertencimento ao espaço e os envolvam na construção e manutenção de um ambiente escolar saudável.

E é claro, isso pode ser pensado no planejamento das aulas e das atividades de forma coletiva, na distribuição de responsabilidades, no envolvimento dos alunos em projetos que tragam benefícios para todos, não só para ele mesmo e para os amiguinhos. É pensar que a construção de vínculos vem muito a partir de limites, responsabilidades e um pensamento ético sobre a coletividade.

2.3 Relações históricas de afetividade ontem e hoje

As teorias da afetividade e do desenvolvimento do ser humano foram surgindo desde a metade do século XX e têm mostrado o quanto as especificidades intervêm na individualidade humana; podendo-se destacar entre os teóricos que se debruçaram nesta área: Piaget, Vygotsky, Wallon, Riviére e outros.

Para Piaget, o desenvolvimento mental dá-se espontaneamente a partir de suas potencialidades e da sua interação com o meio, o processo de desenvolvimento mental é lento e ocorre por meio de graduações sucessivas através de estágios: período da inteligência sensório-motora; período da inteligência pré-operatória; período da inteligência operatória-concreta; e período da inteligência operatório-formal.

Já para Wallon, a criança é essencialmente emocional e pouco a pouco vai constituindo-se em um ser sócio cognitivo; ele estudou a criança contextualizada, como uma realidade viva e total no conjunto de seus comportamentos e suas condições de existência, para Vygotsky, a criança nasce inserida em um meio social, denominado família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros, assim como nas interações cotidianas, quanto a mediação com o adulto, essa acontece espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas, essa teoria apoia-se na concepção de um sujeito interativo que constrói seus conhecimentos sobre os objetos, em um processo mediado pelo outro, o conhecimento tem gênese nas relações sociais e é marcado por condições culturais, sociais e históricas.

No contexto atual, tem-se Pichon-Riviére(1988), criador da teoria do vínculo, este defende a ideia de que a aprendizagem é sinônimo de mudança, devendo haver uma relação dialética entre sujeito e objeto e não uma visão unilateral, preconcebida e cristalizada.

Neste interim vê-se então, que as rápidas modificações ocorridas na sociedade contemporânea e o grande volume de informações estão refletindo no ensino, exigindo, desta forma, que a instituição escolar não seja uma mera transmissora de conhecimentos, mas um ambiente estimulante, que valorize a invenção e a descoberta, que possibilite à criança percorrer o conhecimento de forma mais motivada, crítica e criativa, proporcionando assim, um movimento de parceria, de trocas de experiências, de afetividade no ato de aprender e desenvolver o pensamento

crítico reflexivo (SANTOS, 2017).

No que concerne à concepção de afeto que é bastante ampla, também se faz necessário uma incursão aos domínios da História, Filosofia, Psicanálise e da Literatura. Ao se fazer uma breve análise destas concepções filosóficas, pode-se afirmar que elas permanecem vivas até os dias atuais, muitas vezes em situações cotidianas, quando se ouve frases semelhantes a: "Não aja com o coração", "Seja mais racional", entre outras. Assim, chega-se à conclusão de que, para obter melhores resultados em suas ações cotidianas, o indivíduo deve se desvincular dos próprios sentimentos e emoções, controlando ou anulando a dimensão afetiva (VELHO, 2004).

Devido à dificuldade em estudar estes aspectos de forma integrada, tal separação parece conduzir a uma concepção distorcida da realidade, com reflexos no modelo educacional vigente. Conforme Arantes (2002), os estudiosos e filósofos Platão, Descartes, Kant, entre outros, ao centrarem seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos e em supostas dicotomias entre razão e emoção, relegaram, a um segundo plano, experiências mais subjetivas, como a das emoções, entretanto, os mesmos autores privilegiam os aspectos afetivos ou inconscientes nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos.

Na área educacional, o trajeto não é muito diferente e é comum, ainda hoje, no ambiente escolar, que os educadores trabalhem o processo de aprendizagem dividindo a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva conforme Loos (2007), sendo importante afirmar que este é um dos maiores enganos existentes na maioria das propostas educacionais da atualidade.

Vê-se que a negligência da dimensão afetiva tem repercussão direta na prática do ensino e indica a necessidade da formação docente, onde deve-se desenvolver outros saberes e competências além das intelectuais nos futuros professores, disso decorre a demanda de rever a concepção de formação inicial e continuada, os conteúdos e os processos de formação, para melhor adaptá-los às modernas exigências escolares e profissionais.

De acordo com Santos (2017), as novas orientações para a formação dos professores exigem, das instituições de formação, dentre outras medidas, revisão da abordagem pedagógica e adoção de uma abordagem de desenvolvimento de competências profissionais, essas competências dizem respeito, segundo documentos ministeriais, por um lado, ao domínio cognitivo (por exemplo, o papel da

escola, o conhecimento didático pedagógico, a articulação interdisciplinar, processo de pesquisa enfim) e, por outro lado, ao engajamento nos valores estéticos, políticos e éticos.

Por fim nos dias hodiernos, à docência é concebida como ação complexa que exige dos profissionais da educação, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os alunos, atenção as suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos aspirando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito às diferenças.

A afetividade lança um papel relevante na motivação dos discentes, dos professores que os ministram e, conseqüentemente, na aprendizagem oportunizada na escola, apesar dessa importância, a temática afetividade ainda é estigmatizada e ignorada na Escola Básica e nos Programas de Formação Docente, no mínimo estranho, uma vez que o ensino é uma atividade que envolve interações humanas.

3 METODOLOGIA

O encaminhamento da pesquisa se dá pela pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica enquanto encaminhamento metodológico de estudos científicos objetiva entenderem o tema estudado através de contribuições teóricas dos autores consultados, considerando a produção já existente, e por se tratar de uma pesquisa bibliográfica a coleta de dados se realizará através de livros, revistas, artigos e sites específicos que norteiam o assunto.

A pesquisa bibliográfica oferece meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos, e também permite explorar novas áreas onde ainda não se concretizaram o suficiente, nos concede um novo olhar sobre o objeto estudado.

Essa pesquisa bibliográfica, muito utilizada no meio acadêmico, permite ir além do que esta posto, por meio de pesquisas já existentes, para dar ainda mais fundamentos ao trabalho. Através de artigos científicos é possível encontrar conhecimentos científicos atualizados e de ponta, com isso as buscas por esses artigos constitui o primeiro foco dos pesquisadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se reverberar sobre o quanto o entendimento do que

seja Afetividade e sua vivência na família e na escola pode influenciar na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo da criança, desde o início da vida humana, a afetividade ocupa um lugar extremamente relevante, sendo responsável, inicialmente, por utilizar outros para a satisfação das suas necessidades (como bebê); mais tarde, através das interações com objetos, o meio, a família, na construção do Eu e na diferenciação do Outro; mais à frente, na escola, na sociedade, influenciando na aprendizagem, no desenvolvimento da inteligência, o que não invalida a afetividade mas a torna mais racional, mais equilibrada, e o quanto esse vínculo é importante na relação docente e discente na comunicação, na interação e no lúdico.

Percebeu-se o quanto é imprescindível, que no contexto escolar se trabalhe a articulação afetividade-aprendizagem nas mais diversas situações, considerando-a essencial na prática pedagógica e não a julgando como simples alternativa da qual se pode lançar mão quando se intencionalizar fazer uma “atividade diferente” na escola, essa articulação deve ser uma busca contínua de todos que concebem o espaço escolar como locus privilegiado na formação humana onde os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação.

Ressalta-se que o aluno aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, mediante a mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro, por conseguinte, a sala de aula precisa ser espaço não apenas de formação mas de humanização, onde a afetividade em suas distintas manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade – a evolução do ser humano.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. **Videtur**, Porto, n. 23, p. 5-16, 2002.

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favaretto; GARMS, Gilza Maria . Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil . **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, número especial 1, p. 17-33, jan. 2015. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2814/2915>>. Acesso em: 12 abril 2022.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. São Paulo:

Cortez,1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEAL, Marinácia da silva e Silva. **Coordenação Pedagógica do Princípio à Continuidade inspiração**. Dissertação de Mestrado. UNINI, México, 2017.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A Afetividade na sala de Aula: um professor inesquecível. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 247-260, dez. 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOOS, Max. **A afetividade do educador**. 5 ed. São Paulo: Summus, 2007.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. A criança concreta , completa e contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA, Kester. **Introdução à Psicologia da Educação - Seis abordagens**. São Paulo: Avercamp,2004.

SANTOS, Júlio. **Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

SILVA, Ormenzina Garcia da; NAVARRO, Elaine Cristina. A Relação Professor-Aluno no Processo Ensino Aprendizagem. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**, n. 8, v. 3, p. 95-100, 2012. Disponível em: <<http://revista.univar.edu.br>>. Acesso em: 29 set. 2021.

VALDEZ, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas/SP: Papyrus, 2002.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. São Paulo: Zahar, 2004.